

ROCHA PEIXOTO

# **OBRAS**

VOLUME III

PRIMEIRAS INTERVENÇÕES NA IMPRENSA.  
CATÁLOGOS, RELATÓRIOS E TEXTOS AFINS.  
ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA. NOTÍ-  
CIAS E COMENTÁRIOS. NOTAS BIO-BIBLIO-  
GRÁFICAS. CRÍTICAS E RECENSÕES. POLÉMICAS.

Edição da CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM  
1975

lados *Introdução ao estudo dos monumentos nacionais*, na *Revista de Educação e Ensino*, *Contos populares portugueses* e outros pequenos estudos na *Revista Lusitana*, e vários artigos dispersos por jornais e revistas. O trabalho sobre a arqueologia monumental do país contava a ilustre escritora terminá-lo, possuindo já reunidos numerosos materiais para tal intento. Igualmente era conhecido o seu propósito acerca da publicação, entre outros, dum estudo sobre o *Simbolismo das cores*.

Muito culta, conhecendo o latim, o grego, as línguas neo-latinas, o inglês, o alemão e o holandês, esta senhora foi devidamente apreciada por muitos homens ilustres, de entre os quais Oliveira Martins lhe tributou publicamente os mais legítimos elogios. Por modesto entanto, o seu nome mal ou nada conhecido foi para além do restrito círculo de homens que consideravam as suas excepcionais faculdades de inteligência e trabalho. A morte precoce, enfim, anulou tanto esforço acumulado, impedindo que desta senhora ficasse um rasto mais duradouro do valor que a dotava.

---

## MARTINS SARMENTO (\*)

Num desenfado de vilegiatura os aquistas das Taipas inscrevem de ordinário, na lista das suas romagens bucólicas, um passeio à Citânia de Briteiros. É a lenda remota e sempre fragante da antiga cidade dos mouros, envolvendo e aureolando as ruínas duma acrópole luso-romana que os antiquários de outrora já historiavam com imaginação e com ênfase, e que modernamente os arqueógrafos conhecem sob a legítima significação social e histórica. A lenda e o eco, a fantasia e a confusão, em última análise uma imaginativa fértil e indouta, estimulam a visita ruidosa e festeira, partida de prazer com laivos eruditos, comentários já preparados para os recessos do mistério, reminiscências e leituras breves sobre Pompeia aluída e soterrada, em remate uma jovial e divertida cavalgada.

---

(\*) Artigo publicado no jornal *Diário da Tarde*, do Porto, de 10 de Março de 1900 (p. 3).

Mas chegados à serra, a crueza do desapontamento emerge com um tédio incomparável. O calor da estação, desde a falda a meia encosta, oprime mais a curiosidade quase estanque com o só aspecto do morro onde a cidade jaz; recorda o sol tórrido da Ásia Menor sob cuja acção, única e prestante, coziavam os tijolos onde os letrados inscreviam as legendas da cosmologia e do panteão caldaicos, a epopeia heróica das batalhas ou as glórias fúlgidas da Mesopotâmia.

O romeiro porém, nada assiriólogo, nem sequer afronta contente os rigores solares de Julho em Briteiros. Resigna-se à ascensão, epilogada ao cabo com um exame breve e desatento aos restos das calçadas e muralhas dos alicerces de edifícios, das aglomerações mudas e inertes de ruínas, onde, a cada passo, ainda a tolherem o caminho, surgem e medram os estevais e os silvedos.

Ora é precisamente esta página morta dos alvares da história nacional, irrita no seu mutismo para a impenetrabilidade mental dos consagrados no cotilhão e outras civilizadas proezas, um dos depoimentos mais famosos para a indagação da nossa vida primeva e implícito conhecimento da estirpe étnica deste povo.

Simplemente a compreensão de todos esses documentos em pedra, em olaria e em metal, presentes ainda na Citânia ou arquivados no Museu de Guimarães, a interpretação dos seus labores, das suas epígrafes e dos seus símbolos, e derivativamente da sua arte, da sua religiosidade e estado social com o remate das afinidades e parentescos etnográficos, mesclagens, sobreposições e outras vicissitudes antropológicas ou sociais, carecem duma preparação que não é precisamente a requerida para torneios velocipédicos e outros mundanos ócios das gentes das Caldas. Daí o desapontamento ante os despojos duma civilização longínqua cujo alcance histórico chamou, exactamente há 20 anos, uma grande maioria dos sábios europeus que em Lisboa se reuniram então num congresso famoso.

A exumação da acrópole de Briteiros foi o início da vasta exploração arqueológica que, principalmente no Minho, levou a termo o erudito e insigne para cuja memória os país reserva o melhor do seu desdém ingrato. Povoações similares, estações várias pré e proto-históricas ocuparam ulterior e incessantemente a actividade incomparável de Martins Sarmiento, num fito de averiguação de origens e filiações que os textos adensavam e confundiam lastimosamente.

Explorada a Citânia de Briteiros, depois o castro de Sabroso, outros mais e sucessivamente, destacava com a penetração sagaz do seu entendimento a civilização que precedera a latina, não obstante em

várias dessas estações se mesclarem, com os documentos locais, os artefactos introduzidos pelo mercador romano que seguia as legiões. Ao tempo o que era pré-romano era céltico sem ninguém mais, para além. Mas o estudo de todo o riquíssimo mobiliário exumado e conjugadamente a interpretação de textos famosos, como do périplo fenício que serviu de base ao poema de Avieno e ainda o poema de Apolónio de Rodes, no que interessam à velha Lusitânia, revelou que semelhante civilização era ainda pré-céltica, isto é, radicada numa mais distante genealogia ariana da mais longínqua vetustez.

Através das suas obras, dos seus opúsculos e dos numerosos artigos esparsos em revistas e jornais, a reconstituição do lusitano, até então imaginoso e vago, constitui uma obra memorável de eminente valor crítico, de saber, de precisão, de rigor, e, modelarmente, de penetração subtil e excepcional.

Os seus dispêndios de dezenas de contos de réis com explorações arqueológicas, os percalços do seu fadigoso esforço de iniciador, defrontando ou com ciprianistas ou com ministros de Estado, todos numa mesma etapa mental, os obstáculos impeditivos de toda a ordem, não afrouxaram, do começo ao remate, o seu ardor de trinta anos de inquérito sob uma firmeza voluntariosa e triunfante.

Esta é, pois, a mais notável jornada científica individual que se conta no país, um pouco conhecida, certo, mercê de circunstâncias fortuitas que avultam principalmente na Citânia de Briteiros, mas apenas apreciada nos seus vastos horizontes pelos que não ignoram a amplitude da sua obra, aparentemente fragmentária e dispersa.

A exploração da Citânia, entanto, representa por muitos motivos um dos mais lídimos padrões da glória de Martins Sarmento. H. Martín, ao percorrer as ruínas, em 1880, escrevia: «*Je pars d'ici étonné, ébloui de ce que j'ai vu... Il y a ici un des plus intéressants problèmes de l'archéologie européenne*». Guimet, o director do museu célebre, saudava com entusiasmo o museu Sarmento. Cartailhac, Virchow e Cenlencer, nos seus relatórios aos governos francês, alemão e belga, exaltaram a maravilha da estação proto-histórica. Muitos outros, homens de *métier* que haviam pousado os olhos sobre maravilhosas ruínas, tiveram por cá os seus deslumbramentos.

E assim ficará sabendo o desapontado turista, com esta proposital citação de estrangeiros — a ver se crê! — a alta significação histórica desses rebotalhos de cidade que lhe explicam o seu ancestral.

O legado especulativo e material de Sarmento esplenderá sempre com um radiante brilho. O museu que fica, as acrópoles cuja manuten-

ção ainda garantiu nas suas disposições finais, os monumentos que durante a vida adquiriu, os subsídios que forneceu para explorações de outrem, os vários passos que o moveram na salvação de mobiliário avulso e destinado a extinguir-se, a atmosfera que emanava do seu exemplo criando interessados e fiscais de peças não obtidas ou inamovíveis, o seu ensino, com um carinho religioso, aos aspirantes que buscavam nele estímulos e clarões, todos estes factores emolduram com uma rara luminosidade fulgente essa extraordinária figura de homem, de sábio e de patriota!

---

## BASÍLIO TELES (\*)

Não há entre os portugueses de hoje individualidade mais do que esta celebrada e lendária pelas virtudes que significam o homem. E, por igual, não há outra em que o talento atinja a mesma maleabilidade quase inexprimível.

Na extrema penúria da vontade, na fadiga mórbida de pensar, na insuficiência de cultura, na implícita e final indigência de faculdades e virtudes, estes vagos homens que somos todos avultaram em proporções absolutamente justas, mas para nós estranhas, essa organização perfeita! Pelo que, a estupefacção ante os actos só compreensíveis em mitos ou na Hélade heróica — então que alguns homens marcavam, numa existência sem percalço e desvio, o mesmo traço inflexível e durável!

E a vida coerente, na estrada que ela é para todos, revolta e

---

(\*) Artigo publicado no jornal *Diário da Tarde*, do Porto, em 9 de Junho de 1900 (p. 1).

Meses depois Rocha Peixoto publicou, num *Almanaque*, parte deste texto (os parágrafos primeiro, quinto, sétimo, nono e décimo primeiro) [Vide: Rocha Peixoto — «Basílio Teles», in 1901. *Almanaque Ilustrado do «Diário da Tarde»*. Primeiro ano (Porto, 1900), pp. 104-105].

Dois anos mais tarde Rocha Peixoto reproduziu todo o artigo do *Diário da Tarde*, com o mesmo título e ligeiras alterações formais, no jornal *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, de 13 de Fevereiro de 1902 (p. 1).

Neste volume III das *OBRAS* de Rocha Peixoto transcreve-se o texto saído n' *O Primeiro de Janeiro*, por ter sido revisto pelo seu autor.